



UNIVERSIDADE
FEDERAL DO CEARÁ

ISSN 1678-2089
ISSNe 2178-9258

www.periodicos.ufc.br/contextus

Práticas do trabalho docente universitário como práticas sociais inclusivas

University teaching work practices as inclusive social practices

Prácticas laborales docentes universitarias como prácticas sociales inclusivas

<https://doi.org/10.19094/contextus.2024.88862>

Joelma Soares da Silva

<http://orcid.org/0000-0003-4591-0377>

Professora na Universidade Federal do Ceará (UFC)

Doutora em Administração pela Universidade Estadual do Ceará (UECE)

joelma.soares@ufc.br

Francisco Edson Rodrigues da Silva

<https://orcid.org/0000-0003-0572-916X>

Doutorando em Administração e Controladoria na Universidade Federal do Ceará (UFC)

Mestre em Administração e Controladoria pela Universidade Federal do Ceará (UFC)

fedsonsilva@hotmail.com

Francisco Roberto Pinto

<https://orcid.org/0000-0003-2559-1524>

Professor na Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Pós-doutorado em Administração pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

roberto.pinto@uece.br

RESUMO

Contextualização: A universidade deve ser vanguarda à redução dos efeitos das desigualdades sociais. Nesse cenário, docentes constituem atores decisivos, cujo trabalho situa-se como ponto de conexão entre contexto social estruturado e possibilidade de mudanças.

Objetivo: Objetivamos, portanto, compreender como as práticas do trabalho docente podem se constituir como práticas sociais inclusivas.

Método: O lócus da pesquisa foi a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). Realizamos cinco entrevistas semiestruturadas em profundidade com docentes que desenvolvem ações de extensão e de pesquisa relacionadas à diversidade humana na concepção social do tema. Centramos o enquadre teórico-metodológico na perspectiva dialético-relacional da Análise de Discurso Crítica transdisciplinar de Chouliaraki e Fairclough (1999).

Resultados: As práticas desenvolvidas pelos docentes caracterizam-se como práticas sociais inclusivas pois intervêm e alteram o contexto local permeado de ideologias hegemônicas que asseveram desigualdades e provocam mudanças sociais por meio de discursos e eventos.

Conclusões: O trabalho docente é mais do que apenas uma importante ferramenta na quebra de paradigmas vigentes, mas também um instrumento de prática de diversidade em universidades públicas. Tais práticas podem estar alinhadas institucionalmente às organizações universitárias, mas podem ir além, tornando-se cotidianas e ultrapassando os limites institucionais.

Palavras-chave: práticas sociais inclusivas; trabalho docente; universidade; diversidade; limites institucionais.

ABSTRACT

Background: Universities must be at the forefront in reducing the effects of social inequalities. In this scenario, professors are decisive actors whose work is the point of connection between a structured social context and the possibility of change.

Purpose: Therefore, we aimed to understand how teaching work practices can constitute inclusive social practices.

Method: The locus of the research was Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). We conducted five semi-structured in-depth interviews with professors who develop extension and research activities related to human diversity in the social conception of the subject. The theoretical-methodological framework was centered on the dialectical-relational perspective of transdisciplinary Critical Discourse Analysis of Chouliaraki and Fairclough (1999).

Results: The practices developed by the professors are characterized as inclusive social practices because they intervene and alter the local context permeated by hegemonic ideologies that assert inequalities and cause social change through discourses and events.

Conclusions: Teaching is a crucial instrument for challenging prevailing paradigms and fostering diversity in public universities. While such practices can be institutionally aligned with university organizations, they can also become pervasive and transcend institutional boundaries.

Keywords: inclusive social practices; teaching work; university; diversity; institutional boundaries.

RESUMEN

Contextualización: Las universidades deben estar a la vanguardia en la reducción de las desigualdades sociales. En este escenario, los profesores son actores decisivos cuyo trabajo se sitúa como punto de conexión entre un contexto social estructurado y la posibilidad de cambio.

Objetivo: Así, nos propusimos comprender cómo las prácticas laborales docentes pueden constituirse en prácticas sociales inclusivas.

Informações sobre o Artigo

Submetido em 16/05/2023

Versão final em 07/05/2024

Aceito em 08/05/2024

Publicado online em 17/09/2024

Chamada Especial: (Des)Igualdade, Diversidade e Inclusão – Abordagens Organizacionais e Contábeis

Editores Convidados: Carlos Adriano Santos Gomes Gordiano, Sandra Maria Cerqueira da Silva e Joao Paulo Resende de Lima

Comitê Científico Interinstitucional

Editor-Chefe: Diego de Queiroz Machado

Avaliado pelo sistema *double blind review*

(SEER/OJS – versão 3)



OPEN ACCESS

Método: El locus de la investigación fue la Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). Realizamos cinco entrevistas semiestructuradas en profundidad a profesores que desarrollan actividades de extensión e investigación con la diversidad humana en la concepción social del sujeto. El marco teórico-metodológico se centró en la perspectiva dialéctico-relacional del Análisis Crítico del Discurso transdisciplinar de Chouliaraki y Fairclough (1999).

Resultados: Las prácticas docentes se caracterizan como prácticas sociales inclusivas porque intervienen y alteran el contexto local permeado por ideologías hegemónicas y provocan cambios sociales a través de discursos y acontecimientos.

Conclusiones: La docencia es un instrumento crucial para cuestionar los paradigmas imperantes y fomentar la diversidad en las universidades públicas. Aunque estas prácticas pueden alinearse institucionalmente con las organizaciones universitarias, también pueden generalizarse y trascender los límites institucionales.

Palabras clave: prácticas sociales inclusivas; trabajo docente; universidad; diversidad; límites institucionales.

Como citar este artigo:

Silva, J. S., Silva, F. E. R., & Pinto, F. R. (2024). Práticas do trabalho docente universitário como práticas sociais inclusivas. *Contextus – Revista Contemporânea de Economia e Gestão*, 22(spe.), e88862. <https://doi.org/10.19094/contextus.2024.88862>

1 INTRODUÇÃO

A universidade é um espaço plural e multicultural que deve servir de vanguarda para debates acerca de questões preponderantes para a sociedade. A despeito de qualquer mérito ou saber científico, a universidade deve funcionar adicionalmente como mecanismo disseminador de políticas de inclusão e de combate aos efeitos das desigualdades. Temas como questões raciais, gênero e desigualdade socioeconômica, bem como a diversidade cultural e políticas públicas de equidade no setor público, têm sido habituais em debates, ações de extensão e pesquisas acadêmicas (Campana; Abdal, 2023; Poggio, 2022; Rohden, 2023; Santos et al., 2023).

Os docentes universitários têm papel preponderante na formação de cidadãos conscientes da realidade social que vivem. As práticas de trabalho docente, na condição de práticas sociais, são formadas por momentos (elementos) que se articulam entre si, mas não podem ser reduzidos em si mesmos (Chouliaraki & Fairclough, 2010). Assim, atividades materiais, relações entre os atores sociais, atividades mentais e discursos são os momentos das práticas docentes enquadradas em uma estrutura universitária, que inclui as práticas oficiais de diversidade. A universidade, por sua vez, é parte integrante de um sistema educacional, socioeconômico e político. Essa conjuntura, na qual a universidade está imersa, articula aspectos sociais do cenário nacional e do cenário local onde a universidade está situada.

Dessa forma, as práticas de trabalho docente estão situadas entre contexto e os eventos resultantes delas (Chouliaraki & Fairclough, 2010). Isso nos leva a pressupor que o trabalho docente, na condição de prática social, intervém no contexto e devolve a ele produtos acadêmicos e sociais que provocam alterações em sua conjuntura/estrutura.

Nesta pesquisa, nos restringimos às práticas de extensão e pesquisa, por consideramos que, diferentemente das práticas de ensino, os docentes detêm relativa autonomia para escolher as temáticas sobre as quais irão se debruçar, bem como os públicos com os quais irão interagir no interior das práticas.

No que concerne às práticas de trabalho docente como objeto de estudo, traçamos um panorama de categorias temáticas destinadas a tais profissionais, a partir dos enfoques e direcionamentos de 148 artigos publicados em periódicos nacionais da área de Administração, indexados na base *Scientific Periodicals Electronic Library* (SPELL), dos anos de 2012 a 2024. A escolha pela SPELL se deu pelo alto índice de impacto de seus periódicos e os critérios de qualidade aos quais atende, sendo uma base referência para a área de Administração (Rafael, 2023). Identificamos: formação e capacitação; comportamentos e sentimentos; relação aluno-professor; carreira; identidade docente; adaptação ao contexto da pandemia de COVID-19 e prática docente. Nesta última categoria, encontramos

trabalhos majoritariamente voltados ao ensino e apenas dez trabalhos que discutem especificamente questões relacionadas ao professor pesquisador. Não encontramos, portanto, nenhum trabalho que discuta práticas de trabalho docente de pesquisa e extensão como práticas sociais inclusivas, tampouco sob a ótica da Análise do Discurso Crítica.

Diante do exposto, questionamos: como práticas de trabalho docente podem se constituir como práticas sociais inclusivas? Consideramos que os docentes não são os únicos, mas são importantes agentes no processo formativo de estudantes e de inclusão no ambiente universitário. Assim, nosso objetivo é compreender como as práticas do trabalho docente podem se constituir como práticas sociais inclusivas

Sendo assim, nosso objetivo é compreender as práticas do trabalho docente universitário como práticas sociais inclusivas. Para tanto, descrevemos os momentos de tais práticas e explanamos como o trabalho do docente universitário, enquanto prática social, funciona como intercessão entre contexto e eventos.

Para a consecução do objetivo, foi realizada uma pesquisa de cunho qualitativo, a partir de entrevistas semiestruturadas com cinco docentes da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), localizada no estado do Ceará, Brasil, que estavam desenvolvendo pelo menos uma prática de pesquisa ou de extensão relacionada à diversidade humana no sentido social do tema. Os dados foram analisados considerando a perspectiva dialético-relacional do modelo transdisciplinar da Análise do Discurso Crítica, de Chouliaraki e Fairclough (1999), constituindo, portanto, uma avanço teórico-metodológico, já que não encontramos trabalhos na área de Administração que tenham se debruçado sobre tal relação: trabalho docente, diversidade e o modelo adotado. Descrevemos os momentos de tais práticas e explanamos como o trabalho do docente universitário, enquanto prática social, funciona como intercessão entre contexto e eventos.

Esperamos contribuir para a pesquisa científica sobre diversidade no âmbito do trabalho docente, especialmente no que tange suas motivações para definições de práticas de pesquisa e de extensão. Adicionalmente, lançamos um olhar crítico e reflexivo sobre a necessidade de discutirmos a diversidade entrelaçada ao trabalho destes profissionais nas universidades federais, sob a ótica da Administração. Tencionamos ofertar um estudo que avança para além do discurso funcionalista sobre práticas de trabalho docente e trazemos à tona a diversidade como elemento latente, pois reflete não só a realidade do ambiente organizacional acadêmico, mas, sobretudo, da sociedade de forma geral.

Para que as universidades, especialmente as públicas, funcionem como espaços de discussão das temáticas relativas à diversidade na sociedade e no mundo do trabalho, elas próprias precisam descortinar-se para

novos olhares sobre o assunto e para seu ambiente interno como espaço produtor de uma cultura inclusiva. Nesse sentido, esperamos contribuir tanto para o aprimoramento das práticas de diversidade na instituição abordada, como de seus praticantes, principalmente docentes. Nosso intuito é tanto dar visibilidade aos esforços de docentes em fomentar o diálogo sobre desigualdades, estigmas e outras injustiças sociais através de suas práticas de trabalho, como ajudar outros educadores a lidar com as diferenças humanas nas suas práticas de ensino, pesquisa e extensão, através das experiências dos entrevistados. Por fim, ensinamos explicitar como práticas de trabalho podem ser também práticas sociais no âmbito educacional.

Quanto à estrutura, este artigo está dividido em cinco seções, sendo esta introdução a primeira delas. Em seguida, no referencial teórico, discutem-se os conceitos de diferença, diversidade e desigualdade no contexto da universidade pública, bem como da prática social no contexto do trabalho docente. Na terceira seção é apresentado o desenho metodológico da pesquisa, seguida da apresentação e discussão dos resultados (quarta seção). Por fim, na quinta seção, são apresentadas as considerações finais do trabalho.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Nesta seção apresentamos nuances entre os conceitos de diferença, diversidade e desigualdade, levando-se em conta o contexto da universidade pública, bem como a prática social e seus elementos constituintes para se entender a prática docente.

2.1 Diferença, diversidade e desigualdade no contexto da universidade pública

Não há como falarmos de diversidade sem discutirmos aspectos inerentes a ela, como igualdade, diferença e desigualdade, pois são conceitos interdependentes. De acordo com Santos (1999), a igualdade é um princípio emancipatório da vida social. Já para Barros (2005), a noção de igualdade é tão antiga quanto complexa. Para o autor, a igualdade é contrária à diferença, e se contradita à desigualdade. Igualdade e diferença estão na ordem das essências, ou seja, duas essências que se opõem, que são contrárias. Algumas são naturais e outras construídas culturalmente. As ditas naturais são inerentes ao universo humano e não podem ser evitadas pela ação do homem (Barros, 2005). Igualdade não é a ausência de diferença (Barros, 2005), mas o reconhecimento dela somado à decisão de ignorá-la, como oposição à decisão de levá-la em consideração (Scott, 2005). É partir dessa lógica que podemos pensar a relação entre diferença e desigualdade.

Enquanto a oposição entre igualdade e diferença está no campo das essências, o contraste entre igualdade e desigualdade está no campo das circunstâncias. Enquanto o igual e o diferente são do campo da

contrariedade, a igualdade e a desigualdade estão no campo das contradições. Qualquer noção de desigualdade sempre será circunstancial, uma vez que os indivíduos podem ser iguais ou desiguais em termos de direitos, privilégios ou restrições, independentemente de serem iguais ou diferentes no que se refere a aspectos essenciais como sexo, etnia e profissão, entre outros elementos (Barros, 2005). Conforme explica Santos (1999), na realidade, a desigualdade, assim como a exclusão, são sistemas de hierarquizações sociais sustentados na integração subordinada.

Um aspecto específico que precisamos ressaltar é o fato de as desigualdades poderem ser revertidas. Barros (2005) defende que, em tese, não existem desigualdades imobilizadas, e as diferenças, por sua vez, salvo as exceções, são contundentes. A desigualdade admite reversibilidade e gradações (Barros, 2005).

Cientes desta realidade, a universidade precisa acompanhar os dilemas do mundo contemporâneo e se engajar nos problemas do seu país e no contexto internacional, dando atenção às necessidades primordiais e aos anseios da sociedade moderna. Mas, “para isso, precisa ter sensibilidade e coragem para mudar primeiro internamente [...], é preciso democratizar a universidade” (Kunsch, 1992, p. 27). A universidade cumpre um importante papel social na formação dos cidadãos, de tal maneira que perpassa a formação profissional. Ela é elemento preponderante no desenvolvimento das pessoas através da educação (Constituição, 1988).

Entendemos que a universidade, na condição de organização formal, é planejada, tem objetivos explícitos, tem uma estrutura interna com funções definidas, passa por constantes processos decisórios, tem uma cultura organizacional própria e enfrenta desafios. Ela vive e sobrevive sob ameaças e sob concessões do meio ambiente.

Por outro lado, Kunsch (1992) nos alerta que, apesar de ser uma organização formal, a universidade é muito diferente das demais organizações. A autora justifica essa afirmação tomando por base, principalmente, suas finalidades, seu tipo de atividade, suas formas de controle e as funções que desempenha na sociedade.

A universidade exerce um papel fundamental na sociedade moderna. Ela tem um compromisso com o passado (preservação da memória), com o presente (geração de conhecimento e formação e novos profissionais) e com o futuro (servindo de vanguarda). Por esses motivos, não pode existir isolada do mundo, precisa atender às exigências sociais ao mesmo que é transformadora desses cenários. A universidade, talvez, seja a organização que mais interage com o maior número de segmentos da sociedade, em comparação com qualquer outra organização (Kunsch, 1992).

Nos últimos anos, se estabeleceu um intenso debate acerca de ações afirmativas voltadas à educação superior que têm como cunho ancoradouro a inclusão de segmentos

desfavorecidos da sociedade. Em 2012, a Lei nº 12.711/2012 instituiu a adoção de cotas para estudantes da rede pública, combinadas com cotas para estudantes de baixa renda e autodeclarados pretos, pardos ou indígenas. A partir daí, despontaram diversas discussões no âmbito das instituições federais.

Assim como ocorre no mundo do trabalho, as políticas afirmativas contemporâneas de inclusão no ensino superior, especialmente as que se valem do recorte social/racial, como o sistema de cotas, geraram posicionamentos antagônicos (Vieira, 2015).

Independentemente das políticas afirmativas, as universidades, em virtude da sua autonomia, poderão e deverão se adiantar na implantação de práticas de diversidade e de uma cultura de respeito e acolhimento a todos e a todas, mas especialmente àqueles encarados pela sociedade como minorias sociais.

A pluralidade cultural, própria do ambiente acadêmico, enseja liberdade de expressão das diversas formas do ser humano se manifestar. Tal pluralidade é que concede à universidade sua condição de espaço multicultural. Espaço esse que, segundo Certeau (2014), vai além do local estrutural e envolve seu ambiente social, uma vez que o “espaço é o local praticado” (Certeau, 2014, p. 184). O local só assume a condição de espaço se praticado socialmente e, para tanto, necessita dos sujeitos e suas muitas relações. O espaço é dinâmico. À guisa do pensamento de Certeau (2014), a universidade, planejada arquitetonicamente e estruturalmente enquanto organização, é transformada em espaço pelos atores sociais da comunidade acadêmica carregados de suas muitas diferenças e identidades.

Assim, a visão crítica construtiva acerca da diversidade nas organizações (Trittin & Schoeneborn, 2017; Zanoni et al., 2010) abre caminho para entendermos que a universidade, ao desenvolver práticas de redução dos efeitos das desigualdades voltadas para seus discentes, está desenvolvendo práticas de diversidade e os docentes podem atuar como praticantes de diversidade (Tatli, 2011). Tais práticas democratizam o espaço acadêmico, que é também um espaço de luta, pois não é incomum encontramos “[...] no cotidiano acadêmico, as bandeiras de luta de diversos segmentos sociais representantes das chamadas minorias sociais e étnicas, mas que aqui buscam, formam e amparam entidades promotoras e protetoras dos direitos humanos” (Benevides & Pinheiro, 2018, p. 172).

É urgente, portanto, que a universidade se reinvente enquanto espaço inclusivo, quebrando paradigmas culturalmente arraigados, recontextualizando seu espaço e refletindo sobre seus fundamentos e práticas, para que possa atender às demandas de uma sociedade cada vez mais consciente e ansiosa por seus direitos (Faria & Camargo, 2018), a partir da reflexão e da participação de todos os seus atores, o que, obviamente, inclui os docentes.

É papel da universidade inculcar a igualdade, a liberdade e a cidadania como princípios emancipatórios na vida social moderna. Nessa arena, os docentes são agentes essenciais da construção dessa relação emancipatória. A eficácia do ensino superior depende de múltiplos fatores. Boa parte deles estão diretamente ligados aos docentes.

2.2 Práticas de trabalho docente e práticas sociais: *continuum* entre abstração e concretude

As práticas de trabalho docente se caracterizam pelo aspecto social envolto nelas. As práticas sociais são entendidas por Chouliaraki e Fairclough (1999) como o ponto de conexão entre estruturas e eventos, “são maneiras recorrentes, situadas temporal e espacialmente pelas quais agimos e interagimos no mundo [...], pontos de conexão entre estruturas abstratas, com seus mecanismos, e eventos concretos” (Chouliaraki & Fairclough, 1999, p. 21). As práticas representam, portanto, a transformação do abstrato presente nas estruturas em eventos concretos (Vieira & Resende, 2016).

Estruturas são “condições históricas da vida social que podem ser modificadas” (Chouliaraki & Fairclough, 1999). As estruturas sociais são entidades abstratas que definem um conjunto de possibilidades para realização de eventos. Os eventos, porém, não são efeitos da estrutura. Na verdade, estrutura, práticas e eventos estão em um *continuum* de abstração/concretude e, portanto, a relação entre o que é estruturalmente possível e o que acontece de fato não é simples (Resende & Ramalho, 2019).

Ademais, tal *continuum* é formado por momentos (elementos) que dialogam entre si. Para melhor compreensão dessas complexas relações que constituem uma prática social, revisitamos algumas propostas de representação (Magalhães et al., 2017; Resende & Ramalho, 2019; Vieira & Resende, 2016) e apresentamos o Modelo dos Momentos da Prática Social (Figura 1).

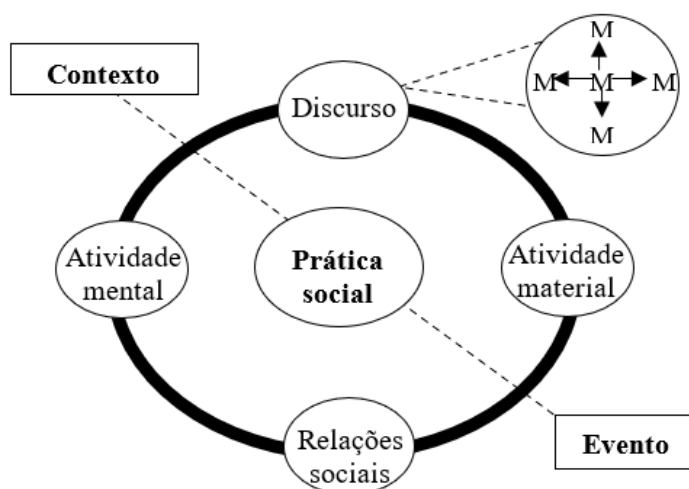


Figura 1. Momentos da Prática Social. Fonte: Adaptada de Magalhães et al. (2017), Resende e Ramalho (2019) e Vieira e Resende (2016).

Cada um dos momentos de uma prática social é formado por micro momentos/elementos que se articulam internamente entre si e se transformam nesse macroprocesso de articulação.

Resende e Ramalho (2019, p. 40) explicam que “o momento discursivo de uma prática particular é o resultado da articulação de recursos simbólicos/discursivos (gênero, discursos, estilos), articulados com relativa permanência como momentos do momento discursivo”. Já o momento “prática material” articula espaços, recursos e materiais diversos como seus momentos internos, enquanto o momento “relações sociais” articula as relações entre os diversos atores sociais envolvidos na prática. Por fim, o momento “atividade mental”, segundo Magalhães, Martins e Rezende (2017), articula valores, crenças e desejos, entre outros. Quando há mudanças ou reconfigurações desses elementos que se articulam, há também mudança discursiva

Ressaltamos que, se por um lado a prática social é composta por situações que articulam momentos internos, ela própria se articula externamente a outras práticas, formando uma rede de práticas relativamente permanentes e se tornando momento dessa rede (Resende & Ramalho, 2019).

Entender o trabalho do docente de uma universidade pública a partir do conceito de práticas sociais de Chouliarakí e Fairclough (1999) significa dizer que seu trabalho sempre envolve diferentes momentos/elementos. Tais práticas de trabalho não existem isoladamente. Elas ocorrem no contexto da estrutura da universidade que, por sua vez, faz parte de um sistema político de ensino, recebe intervenções estatais e sofre influências da sociedade. Dessa forma, as práticas de trabalho docente são conexões entre a sociedade, a estrutura universitária e os eventos provenientes de tais práticas. Nessa realidade, podemos entender por eventos todos os produtos ou resultados acadêmicos das práticas de ensino, pesquisa ou extensão.

Além disso, as práticas de trabalho docente nos eixos ensino, pesquisa e extensão formam uma rede de práticas interligadas que se articulam com outras práticas acadêmicas internas ou externas, sociais e empresariais, e geram eventos que provocam mudança social.

O docente não é um mero transmissor de informações ou fabricante de especialistas, conforme destaca Piletti (2008). Sua função é muito mais ampla e marcada pelo social. Piletti (2008) afirma que os melhores professores são aqueles que não vivem suas vidas confinadas ou isoladas do meio social. Sobre a importância das relações sociais na atividade docente, Barros, Brito e Clemente (2018) destacam que dedicar investimentos vitais às suas atividades é o que concede poder ao docente de perspectivar, transformar contextos e produzir novas realidades.

Para isso, Gil (2009) afirma que o docente precisa estar aberto ao que passa na sociedade, fora da universidade, suas transformações, evoluções e

mudanças, novas formas de participação, conquistas, valores emergentes e descobertas. Só assim poderá repensar suas ações, fazendo da inovação um processo constante de reconstrução e transformação das práticas docentes e da realidade social.

Sendo assim, a docência universitária está mergulhada em um emaranhado de relações e suas transformações (Vergara & Davel, 2005), e não se desvincula da realidade social composta de diferenças e desigualdades que se articulam no espaço plural da universidade pública.

3 METODOLOGIA

Esta é uma pesquisa de natureza qualitativa e descritiva. O *lôcus* de pesquisa foi Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (doravante UNILAB), autarquia federal criada pela Lei nº 12.289/2010, cujas atividades eletivas tiveram início no dia 25 de maio de 2011, ou seja, é uma instituição relativamente nova. A UNILAB articula paralelamente os movimentos de internacionalização e interiorização, tendo sido criada com base nos princípios da cooperação solidária entre os povos, da interculturalidade, da cidadania e da democracia nas sociedades (Marques & Nogueira, 2019), apontando para políticas de inclusão, o que justifica sua escolha como campo de pesquisa.

Até 2022, a UNILAB mantinha 4.222 alunos (3.053 brasileiros e 1.169 estrangeiros), distribuídos em 28 cursos de graduação (25 presenciais e três à distância) de seis unidades acadêmicas em quatro campi. Destes, 85,3% se autodeclararam negros ou pardos oriundos de oito países (Brasil, Itália, Guiné Bissau, Angola, São Tomé e Príncipe, Moçambique e Timor Leste) e com faixa etária de 20 a 39 anos. A maioria é do gênero feminino (51,6%) e está matriculada em cursos de bacharelado. Ademais, a instituição manteve, até o mesmo período, 173 projetos de pesquisa desenvolvidos nos 114 grupos de pesquisa ativos, que juntos englobam 178 alunos de graduação na condição de bolsistas ou voluntários (UNILAB, n.d.).

No que concerne ao quadro docente, a UNILAB declarou ter 372 docentes efetivos, sendo 342 brasileiros e 30 oriundos de outros países da América Latina, Europa, Ásia e África. A maioria é composta de mulheres (54,1%), com faixa etária predominante de 36 a 50 anos (UNILAB, n.d.).

Os participantes da pesquisa foram docentes efetivos da UNILAB, que, além de se disporem a participar voluntariamente, estavam desenvolvendo pelo menos uma prática de pesquisa ou de extensão relacionada à diversidade humana no sentido social do tema. Ao final, realizamos entrevistas semiestruturadas em profundidade com cinco docentes que, juntos, coordenam oito projetos/ações que se adequam ao enquadre definido. As cinco entrevistas somaram 285 minutos de áudio arquivados em .mp3 e convertidos em textos por meio de

digitação pessoal. Utilizamos, adicionalmente, notas de campo geradas com o auxílio do aplicativo *VoiceNotes*, cujos conteúdos foram transportados para arquivo no Microsoft Word e compuseram um banco de notas de campo auxiliares na compreensão do contexto das entrevistas.

Percorremos alguns caminhos para identificarmos os docentes que se enquadravam na pesquisa. Inicialmente, solicitamos autorização à instituição para consultarmos o cadastro dos projetos de pesquisa e de extensão ativos diretamente nas Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação e de Extensão.

Como esse trajeto se mostrou lento, buscamos outros caminhos, a saber: (i) identificamos, nos sites das Pró-Reitorias, projetos de extensão e pesquisa, respectivamente, relacionados à temática diversidade humana e seus coordenadores (embora as listas não estivessem completas ou atualizadas); (ii) identificamos, por meio das notícias postadas no site da instituição, nomes de projetos de extensão ou de pesquisa que tratavam de diversidade e seus respectivos coordenadores, (iii) fizemos visitas aos sites das unidades acadêmicas, dos institutos e de cursos de graduação e identificamos nomes de docentes que tinham a diversidade como tema de estudo; (iv) fizemos consultas aos currículos lattes de docentes; (v) solicitamos indicação a docentes que não estavam participando da pesquisa, mas que conheciam docentes que se encaixavam no perfil; (vi) utilizamos técnica de amostragem do tipo bola de neve, e em alguns casos, alguns entrevistados indicaram outros.

Ao final, quatro entrevistas foram realizadas fora da UNILAB e apenas uma ocorreu em sala da instituição. Com o propósito de resguardar a identidade dos interlocutores, seus nomes foram substituídos ao longo do texto pelo termo “Docente_UNILAB_” seguido de numeração ordinal. Todos

os participantes assinaram Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Somando-se às entrevistas, realizamos ainda observação não participante em três *campi*, observação participante em dois eventos sobre diversidade, nos ônibus *intercampi* e na cidade de Redenção em dias e horários diferentes por um período de seis meses que correspondem ao interstício de janeiro a junho de 2019. De tais observações, também resultaram notas de campo com registros que nos ajudaram na construção do contexto.

Os dados gerados pelas entrevistas com os docentes foram analisados considerando a perspectiva dialético-relacional do modelo transdisciplinar da Análise do Discurso Crítica (doravante ADC) de Chouliaraki e Fairclough (1999), onde o discurso é encarado como um dos momentos da prática social.

À perspectiva dialético-relacional da ADC interessa o papel do discurso na mudança social e nos modos de organização da sociedade em torno de objetivos emancipatórios. Nesse sentido, a ADC é crítica por conduzir sujeitos à reflexividade e assim reconstruir papéis sociais (Melo, 2018).

Em ADC, a análise linguística e a análise crítica social devem, necessariamente, estar inter-relacionadas. É nesse sentido que decorre a Análise de Discurso Textualmente Orientada (Magalhães et al., 2017). Desta maneira, seguimos o planejamento de pesquisa em ADC de Chouliaraki e Fairclough (1999), que envolve: 1) Buscar um problema social com aspectos semióticos. 2) Identificar obstáculos para que o problema seja superado (análise da conjuntura, análise da prática em particular, análise do discurso). 3) Análise social (interpretação das raízes sociais do problema). 4) Explanação (identificar maneiras possíveis de superar os obstáculos, refletir criticamente sobre a análise). Na Figura 2 apresentamos o *framework* da pesquisa:

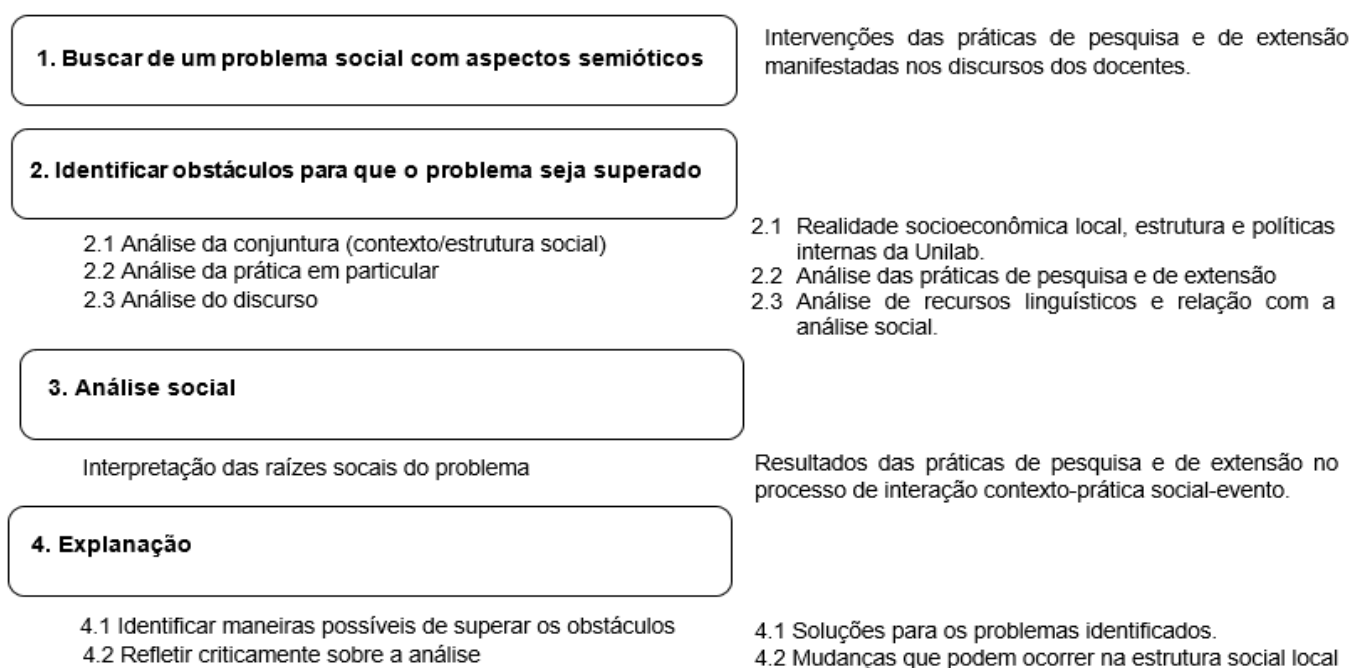


Figura 2. Framework da pesquisa

Fonte: Elaborada pelos autores com base em Chouliaraki e Fairclough (1999).

Nosso problema social com aspectos semióticos explora as intervenções das práticas de pesquisa e de extensão manifestadas nos discursos dos docentes. No segundo ponto, dividimos a análise do contexto em: (a) conjuntura (realidade socioeconômica local); (b) estrutura (cooperação e integração na UNILAB; e estrutura da UNILAB para a diversidade e práticas de diversidade - políticas internas).

Na análise da prática em particular, enfatizamos os momentos de práticas de pesquisa e de extensão desenvolvidas pelos docentes. Por fim, a análise do discurso foi orientada para a estrutura e para a interação (análise de recursos linguísticos utilizados e sua relação com a prática social).

No terceiro passo, verificamos como ocorrem os eventos no processo de interação contexto/prática social/evento. Atemo-nos a pronomes, verbos, adjetivos, advérbios, substantivos, interdiscursividade empregadas nos textos acerca das descrições das práticas e dos seus posicionamentos interseccionais entre contexto e eventos. O último passo, a Explanação, corresponde à mudança de polaridade da análise, ou seja, saímos do problema para soluções. Isso implica mudanças que podem ocorrer na estrutura social. Esse estágio revela a posição da ADC como instrumento de ação reflexiva para emancipação social, inclusive em práticas acadêmicas.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

4.1 Caracterização dos participantes

Apresentamos os perfis dos participantes, suprimindo seus nomes e expondo suas principais características apreendidas. Entrevistamos três professores e duas professoras; quatro estão na área de humanidades e um nas ciências sociais aplicadas. O tempo de trabalho na IES variou de dois a seis anos. Dois têm naturalidade cearense e os demais são oriundos de outros estados brasileiros e migraram para o Ceará para lecionarem na UNILAB. Todos já tinham experiência profissional docente no ensino superior anterior ao concurso.

Além destas características, três docentes se autodefiniram como negros e envolvidos com a causa negra no Brasil, sendo esse seu direcionamento de estudo desde a graduação. Ademais, uma docente se definiu como feminista.

Todos e todas desenvolvem ao menos um projeto de pesquisa ou extensão voltado à diversidade humana na perspectiva social. Dois deles realizam, concomitantemente, pesquisa e extensão. As categorias de diversidade enfocadas nos projetos são: raça/etnia, gênero, diversidade cultural, religiosa, social.

4.2 Contexto: conjuntura e estrutura da UNILAB

A criação da UNILAB fez parte da estratégia da política brasileira de inserção da educação superior em

cenários que não eram prioritários e de criação de centros de formação e de produção de pesquisa voltados para campos específicos, geograficamente e culturalmente. A UNILAB articula movimentos de internacionalização, idealizada para garantir a sintonia com demandas do Brasil e das demais nações que integram a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa – CPLP (Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste) (UNILAB, 2013), e de interiorização (com *campi* situados fora da capital e com ênfase no desenvolvimento local).

No Ceará, mantém três *campi* no Maciço de Baturité, região do sertão central com 13 municípios e com destacada importância histórica e cultural para o Estado do Ceará. Mesmo assim, é uma região que amarga desigualdades e pobreza (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE], 2017). O estabelecimento da UNILAB na região causou impactos socioeconômicos, como por exemplo, a demanda por moradia que fez eclodir a exploração imobiliária e elevação dos valores dos aluguéis.

Dentre esses municípios do Maciço encontra-se Redenção, conhecido por ter sido o primeiro município do Brasil a abolir a escravidão e onde está situada a sede administrativa da Universidade. Embora, na cidade, haja algumas referências à escravidão, a alusão aos seus antepassados africanos não ultrapassa alguns espaços específicos. Não percebemos na cidade nenhuma menção à cultura afro-brasileira. Não há, no cotidiano da cidade, menção significativa observável à cultura ou à história africana (notas de campo, 2019).

Embora a proposta da UNILAB seja equidade geográfica, no que concerne ao quadro docente e discente, ainda há um longo caminho neste sentido, já que a maioria das duas categorias são de brasileiros, conforme destacamos na seção metodológica. Além disso, observamos ausência de integração efetiva entre discentes brasileiros e estrangeiros, já que nos espaços comuns da instituição formam-se grupos de brasileiros e grupos de estrangeiros que não interagem (notas de campo, 2019).

A UNILAB possui setores e políticas internas de promoção da igualdade, principalmente étnico-racial, mas também voltadas para gênero, sexualidade e direitos humanos. Desenvolve políticas nos eixos: formação, relações humanas, gestão, estruturas e tecnologias.

A UNILAB parece ser instrumento provocativo que desloca a comunidade local a retomar parte de sua história ao colocá-la em contato com sujeitos que podem resgatar memórias do passado da região. Provoca um retorno a si mesma e dá significação ao título de primeira região do país a abolir a escravidão.

4.3 Momentos das práticas docente nas dimensões pesquisa e extensão

Os cinco docentes entrevistados coordenam oito projetos/ações de extensão relacionados à diversidade, que representam um recorte das 28 práticas de pesquisa/extensão voltados a essa temática, identificadas no interior da UNILAB.

Nas descrições feitas pelos docentes acerca de suas práticas, identificamos seus momentos (Tabela 1),

Tabela 1

Momentos das práticas de trabalho dos docentes da UNILAB nas dimensões pesquisa e extensão

Momentos	Momentos internos
Atividade material	<p><u>Espaços internos da universidade</u>: salas de aulas e de reuniões</p> <p><u>Espaços externos à universidade</u>: museus, secretaria de cultura, residências de entrevistados, terreiro de umbanda em Redenção, Porto das Artes Iracema, Centro Urbano de Cultura e Arte - CUCA do Mudubim, Escola Brunilo Jacó em Redenção, Escola Maria do Carmo Bezerra em Acarape, ONG Fábrica de Imagens, Universidade Federal do Ceará</p> <p><u>Materiais de consumo</u>: papel, tinta para impressora, material de escritório</p> <p><u>Materiais de pesquisa</u>: documentos</p> <p><u>Equipamentos</u>: impressoras, ônibus, carro, notebook</p> <p><u>Recursos financeiros</u>: bolsas, financiamento da Fundação Ford, do próprio docente</p> <p><u>Atores internos das práticas</u>: Professores e alunos bolsistas e voluntários de graduação e pós-graduação da UNILAB, professores de outras universidades, como UFC e UECE; professoras negras, professora da Bahia, alunos brasileiros, alunos estrangeiros</p> <p><u>Atores Externos às práticas</u>: descendentes de escravos, atores do poder público, comunidade do maciço de Baturité, membros de comunidades quilombolas, professoras da Escola Brunilo Jacó</p>
Atores e Relações Sociais	<p><u>Atores mistos</u>: são sujeitos da universidade e participam como membros da prática, mas são investigados na prática (alunos bolsistas e membros do terreiro de umbanda)</p> <p><u>Relações internas</u>: relações entre os pesquisadores na concretização da prática (tranquilidade, descontração, assertividade, articulação e envolvimento, autonomia, compartilhamento)</p> <p><u>Relações externas</u>: relações entre atores internos e externos das práticas (tensão crítica, desconstrução lenta, empatia, compreensão, entendimento, veracidade, amizade, acolhimento)</p> <p><u>Relações mistas</u>: conflito, perda da naturalidade, respeito</p>
Atividade mental	<p><u>Interna</u>: reflexão, prazer, internalização, inclusão, percepção, resistência, constatação, confusão, entrega, parceria, autoafirmação, identificação</p> <p><u>Externa</u>: universalismo, negação, resistência às origens, lembranças</p>
Discursos	<p><u>Produção</u>: por idealização do docente, no interior das práticas</p> <p><u>Distribuição</u>: divulgação pessoal dos docentes, editais, redes sociais Instagram e Facebook, convite pessoal, produções científicas, boca a boca, em grupo de pesquisa da UNILAB</p> <p><u>Consumo</u>: estudantes direcionados, público em geral, mulheres que se autodeclaram negras</p> <p><u>Concretizados</u>: projetos de pesquisa, projetos de extensão, projetos de mestrado, participações em congressos, publicações de resumos e artigos completos em anais eventos, apresentação de trabalhos em semanas universitárias, em Semana de Antropologia, artigos publicados em periódicos, publicação de três livros com artigos sobre as expressões culturais presentes e que ainda resistem em cada município do Maciço de Baturité, cursos, eventos</p>
Eventos	<p><u>Em andamento</u>: pesquisas, dados de entrevistas e de documentos em análise, um artigo em andamento, relatório, rodas de leitura e debate de textos</p>

Fonte: Elaborada pelos autores.

É importante ressaltar que a construção desses momentos é fruto da narrativa dos entrevistados, pois segundo Chouliaraki e Fairclough (1999) esses momentos se articulam entre si e se manifestam no discurso. Nesse sentido, os discursos revelaram momentos da prática e os momentos internos exclusivamente sob a ótica dos docentes coordenadores e discursos implícitos em seus textos. Não foram contemplados discursos de outros atores envolvidos nas práticas, como por exemplo, discentes e sociedade em geral. É possível que esses tenham outras percepções acerca dos momentos das práticas, principalmente aqueles mais subjetivos, como atividade mental e relações sociais.

À guisa de exemplo, trazemos uma fala do Docente_UNILAB_01 acerca de uma situação vivida em

considerando os momentos das práticas sociais de Chouliaraki e Fairclough (1999), conforme Figura 1. Cada momento da prática articulou momentos internos, conforme preveem Resende e Ramalho (2019). Incluímos a categoria eventos, não como momento, mas como resultados das práticas. Existem eventos já finalizados e aqueles ainda em andamento.

uma entrevista de coleta de dados para uma prática de pesquisa. Ele relata uma situação que envolvia diferentes momentos da prática (discurso, atores, relações sociais e atividades mentais):

Nós fomos fazer uma entrevista com uma senhora de 90 anos, e aí em algum momento *nós perguntamos* pra ela assim: “a senhora é descendente de escravo?”. E ela disse assim: “Eu não, meu senhor. Eu não sou descendente de escravo; quem é, é aquele ali”, e ela apontou para o *aluno africano*. Não foi maldade. Não foi maldade. Foi construção. A elaboração, né? Ela viu o africano e ela associou à escravidão e aí ela riu, mas ao mesmo tempo se vê a vergonha de se dizer do seu passado associado à escravidão. [...] *Nós rimos*. Uma velhinha, né? *Nós rimos, né? A gente dá um desconto*. Mas depois, isso está sendo debatido no projeto (Docente_UNILAB_01).

Ao pronunciar “nós rimos, né? A gente dá um desconto”, o docente indica ar de descontração coletivo. O riso, porém, enquanto instrumento de exceção e de empatia é apresentado na perspectiva do docente. O riso poderá ter tido outro significado para o aluno. Prova disso, o debate ter se estendido ao grupo de pesquisa posteriormente, levando-nos a crer que se construiu um momento de reflexão a partir dessa situação. É nessa perspectiva que os momentos são definidos e são posicionados no interior do contexto, ou seja, de forma unilateral, a partir das falas dos docentes.

4.4 As práticas de pesquisa e extensão voltadas à diversidade como práticas sociais inclusivas

Apresentamos as práticas analisadas como práticas sociais inclusivas, tendo em vista suas intercessões entre o contexto e os eventos (Chouliaraki & Fairclough, 1999), ou seja, são práticas que intervêm no contexto sócioeconômico e educacional local provocando alterações nele.

Nessa proximidade com o contexto socioeconômico, o Docente_UNILAB_01, que coordena o projeto de pesquisa intitulado “Da abolição à nova diáspora: história e experiências das populações negras brasileiras e africanas em Acarape e Redenção”, revela resistências aos estudantes africanos presentes na cidade de Redenção. Ele se vale de substantivos e adjetivos, tais como “mercantilização dos espaços”, “estigma” e “aumento inflacionário”, para retratar um cenário onde a população local, em especial os comerciantes, se beneficiam economicamente da vinda dos estudantes africanos, mas não se desvencilham de preconceitos arraigados na cultura local, como a discriminação da população negra, associando-a à marginalidade.

Existem projetos comuns com o município, de educação com alguns cursos, institutos, existem essas relações, relações econômicas, mas a nível de cotidiano, há muito uma *mercantilização dos espaços lá, né?* Então, por exemplo, a partir do momento que os africanos começam a vir, começam a vir mais alunos, começam, por exemplo, a inflacionar dormitórios, começa a cidade a ver aquilo, algumas pessoas também, como forma de lucro. Ok! Não tem problema nenhum. O problema é quando se tem um *aumento inflacionário* desses lugares de moradia e muitas vezes os estigmas ainda permanecem, né? Então, isso falta. Entender que, com a UNILAB se criou coisas novas lá na região, que há benefícios, mas em contrapartida, *há de se criar* também outras maneiras de se ver essas pessoas, de relacionar-se com essas pessoas, *de entender* essas cosmovisões e isso *precisaria de mais harmonia* entre instituição, poder público e talvez a instituição se coloque mais nesse sentido, mas o poder público, a gente *tem que entender* também que os municípios, muitos dependem de recursos de fora e me parece que ali em Redenção também é muito isso, não há poder de investimento. Agora *tem que ter* uma vontade política para que isso seja mais equilibrado, a presença deles, a vivência

deles no município, e aí *precisaria* da UNILAB, *precisaria* dos poderes públicos constituídos de maneira muito mais articulada. Me parece que isso falta. Isso aumenta o desafio (Docente_UNILAB_01).

O Docente_UNILAB_01 evidencia sua relação de conhecimento com o contexto da região do Maciço de Baturité no que tange à negritude e aos acontecimentos que marcaram a escravidão naquela região. No texto, o docente apresenta o cenário local sob sua perspectiva e propõe saídas ao que ele entende como problemas.

É uma possibilidade a ser investigada se o superfaturamento dos imóveis estimulou a inflação de outras áreas de consumo de bens e serviços na cidade e o impacto que isso gerou no custo de vida da comunidade local. Há de se pensar também se, e o quanto, essa realidade impacta no reforço da visão depreciativa sobre os novos habitantes.

Quando o Docente_UNILAB_01 diz “há de se criar também outras maneiras de se ver essas pessoas”, ele indica mais que uma necessidade real de novos mecanismos relacionais e nos mostra que há uma visão unilateral desmerecedora, dispensada aos estrangeiros. O uso do pronome indefinido “outras” indica formas diferentes para além das que já prevalecem.

A partir da constatação da realidade, o Docente_UNILAB_01 passa a propor soluções para reversão desses estigmas ao indicar a UNILAB, enquanto estrutura, e outros agentes públicos como articuladores dessas novas possibilidades. Ao mesmo tempo que utiliza as construções “há de se criar” e “tem que ter” para indicar necessidade, ele se vale do verbo “precisar” no futuro do pretérito (*precisaria*), indicando uma ação conseqüente da realidade atual, mas condicionada ao interesse do poder público. Indica também polidez da sua parte ao propor uma articulação que é incerta. É uma possibilidade, uma posposta que pode vir a ocorrer ou não. Ao utilizar esse tempo verbal, ele reduz seu comprometimento com essa proposta.

O Docente_UNILAB_01 se vale ainda da interdiscursividade para retratar a associação que é feita entre descendentes de libertos e precariedade urbana, guetos e criminalidade. Na busca por estes sujeitos, a partir da memória viva da comunidade, ele descreve essa associação quando reproduz as falas das pessoas locais:

Eu fui perguntando e entrevistando funcionários, essas pessoas do poder público ou de instituição, para saber se eles conheciam algum descendente. Nas entrevistas vinha sempre aquela coisa [...] “*Ah eu conheço alguém que morava lá no morro, lá no quilombo*”, mas nunca ali pelo centro aonde as relações efetivamente de mercado, as relações mais fortes se dão, mais eram periferias, [...] isso vinha aquela questão assim: “*Ah, eles moram mas é um lugar que as facções dominam*”; “*Ah, lá tem os descendentes, mas lá tem criminalidade*” [...]. E aí, olha só que engraçado, quando eu comecei a chegar nessas pessoas, eu tive medo, porque antes de eu ir pra lá, diziam assim: “*olha se o senhor for pra lá, vai com o vidro do carro aberto por causa das facções*”

[...]. Depois de um tempo eu fui atrás dessas pessoas, não tive problema nenhum, nenhuma facção atirou em mim, nem nos meus bolsistas, foram entrevistas super ricas com descendentes bisnetos de escravizados, me contaram muitas coisas. Então foi uma experiência muito interessante, muito rica (Docente_UNILAB_01).

Ele articula diferentes discursos de pessoas da região como estratégia discursiva para confirmar a visão pejorativa que ele constatou. Trata-se de um mecanismo de sustentação da sua representação particular acerca do contexto e propostas de mudanças a partir de sua própria visão, conforme preveem Resende e Ramalho (2019).

A prática de pesquisa desenvolvida pelo Docente_UNILAB_01 revisitou a história local, identificou descendentes de escravos na cidade de Redenção e desmistificou essas pessoas. Assim, transformou a abstração do contexto em torno dessas pessoas em dados de pesquisa e os materializou em artigos e projetos, os eventos da prática. Nesse sentido, essa prática de pesquisa, enquanto prática social constituída por momentos, serviu como ponto de intercessão entre o contexto local de Redenção e os eventos da pesquisa, conforme preveem Chouliaraki e Fairclough (1999). Tal intercessão aponta uma realidade que precisa ser modificada e a que a universidade pode e deve agir para cumprir seu papel, tanto no desenvolvimento local, como na superação de preconceitos e de desigualdades.

Nesse mesmo trajeto, a Docente_UNILAB_02 explica que a ação de extensão intitulada “Mulheres Negras Resistem: processo formativo teórico-político para mulheres negras” nasceu da sua leitura pessoal de um acontecimento de ampla repercussão nacional, que foi o assassinato da Vereadora Mariele Franco. A partir desse fato e da comoção gerada por ele, a docente explica que tomou decisões para desenvolver uma ação que colaborasse para alterar a realidade local, conforme ela relata: “*Aquilo tudo mexeu de alguma forma comigo. Aí eu fiquei pensando: eu preciso fazer algo com isso [...]. Pensei em algo voltado para mulheres negras, justamente pensando na ideia do protagonismo feminino [...].*”

A Docente_UNILAB_02 se coloca como protagonista da interpretação do contexto social local no que tange às pessoas negras e das motivações que conduziram à idealização da prática. A professora constrói a narrativa da trajetória de construção do projeto utilizando o pronome “eu” e flexões verbais na primeira pessoa do singular, indicando suas experiências pessoais, suas reflexões e suas decisões.

A professora novamente se coloca através de sua representação mental acerca do cenário atual da educação superior no Brasil por meio de figuras de linguagem como metáfora ontológica (Resende & Ramalho, 2019) e personificação na construção de seus posicionamentos de luta e resistência (Fairclough, 2016).

[...] agora eu te diria que o grande desafio é nós atravessarmos essa agora, no mínimo, essa *tsunami de retrocessos, nos mantermos vivos* pra continuar a trajetória. E aí eu falo a *instituição precisa se manter de pé*. Nós temos que fazer todo possível para *mantermos a instituição de pé*. Por isso que eu sempre acredito em mobilização. *Eu não gosto da ideia de cruzar os braços*. Eu penso que a *universidade não deve cruzar os braços*. Nós temos que intensificar a nossa proximidade com a comunidade acadêmica e não acadêmica. Nós temos que disputar as narrativas. Se falam contra nós, nós temos que ser nós a falarmos bem e demonstramos isso. *Não vai ser cruzando os braços que a gente vai ter algo diferente*. Esse é o meu posicionamento (Docente_UNILAB_02).

A Docente_UNILAB_02 enxerga o momento político atual da educação brasileira entrando em decadência em nível elevado quando o compara a um tsunami – fenômeno gigantesco da natureza que possui grande volume de energia e forte poder de destruição. É importante lembrar que os tsunamis são resultados de combinações de elementos da natureza. Por analogia, podemos entender o tsunami declarado pela professora como resultado de articulações diversas que têm nos retrocessos a calamidade na educação como consequência.

Em vários momentos, ela utiliza o verbo “manter” em personificações que nos remontam a condições elementares de existência, tais como “nos mantermos vivos” e “se manter de pé”, para retratar sua percepção sobre posturas que devem ser assumidas pela comunidade acadêmica. O verbo “manter” traduz a ideia de conservação e de continuidade. Não se trata, portanto, somente de iniciar um movimento de luta pela educação superior. Na visão da docente, é necessário sustentar-se assim.

Ela utiliza ainda a figura de linguagem personificação na expressão “cruzar os braços”, como forma de atribuir comportamento de desistência ou uma possível parada voluntária. Embora essa expressão possua vários significados, no texto ela a usa como forma de submissão ou passividade. Sendo assim, ela acredita que a Universidade ou a comunidade acadêmica não pode ter esse tipo de postura. Em função, ela intervém no contexto com vistas a tensioná-lo por meio da prática de extensão.

[...] Esse projeto, ele nasce de uma parceria entre intelectuais negras, professoras negras, especialmente da UNILAB e da UECE [...], voltado para *estimular o protagonismo feminino e negro de mulheres cearenses*. [...] a ideia é que *você faça* o que quiser com isso, *você pode* ir para o ativismo, *você pode* ingressar numa pós-graduação. A ideia é instrumentalizar para esses caminhos, para o *protagonismo* dessas mulheres [...]. O curso abriu em 2018. Na ocasião nós oferecemos 20 vagas, tivemos 92 inscrições. Nessa segunda edição agora, nós oferecemos 40 vagas, nós tivemos 808 inscrições (Docente_UNILAB_02).

A Docente_UNILAB_02 trabalha com o propósito de dar protagonismo e empoderar as mulheres negras e se revela nas expressões “você pode”, “você faça”.

Encontramos um discurso de resistência também na fala do Docente_UNILAB_03 sobre o projeto de pesquisa “Expressões culturais Afro-Brasileiras no Maciço de Baturité-CE”:

[...] nós tivemos por objetivo historiografar os 13 municípios de Baturité colhendo, fazendo coleta de dados, sobretudo, das expressões culturais afro-brasileiras. Claro que, ao mesmo tempo, a gente não pôde deixar de fazer também das indígenas, porque consideramos como culturas nossas, primeiras. Nesse projeto, nós tivemos produções de três livros com artigos. De cada município a gente tentou fazer um artigo sobre as expressões, identificando e descrevendo as expressões culturais que existem nos municípios que *ainda resistem e sobrevivem*, apesar da aglutinação cultural, apesar do desconhecimento, apesar do poder público, muitas vezes, não dar devida atenção. Mas, quer queira, quer não, cultura não morre. Cultura está sempre presente de alguma forma, de alguma maneira e depende de quem procura, né? (Docente_UNILAB_03).

O emprego do advérbio “apesar” indica oposição dos eventos oriundos da prática de pesquisa em relação ao contexto. Mesmo com todas as adversidades, a prática quebrou expectativas e gerou o registro das expressões culturais locais. Além dos livros lançados, o professor relatou participações em vários eventos e publicação de artigo em periódico. Observamos que, em sua fala, o docente também emprega verbos na terceira pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo (ou quando articulado com a locução pronominal “a gente”) indicando uma ação coletiva passada de luta: “nós tivemos”, “a gente tentou fazer”, “a gente não pôde deixar de fazer”. Essa tendência também é observada ao explicar que seu objeto de pesquisa, as expressões culturais, “resistem” e sobrevivem”, transmitindo a ideia de oposição a uma força e conservação.

O Docente_UNILAB_03 destacou que seus projetos de pesquisas recaem no rol de temas pouco compreendidos, pois desloca a comunidade acadêmica do viés tradicional que a sustenta. Ele se vale de diferentes adjetivos, substantivos e tempos verbais para explicar essa relação entre contexto e prática de pesquisa.

Nós temos um problema enquanto gestão, não só na UNILAB, como em qualquer outra instituição de ensino superior que venha querer desenvolver projetos diferentes nessa área de reconhecimento da diversidade cultural no país. Por quê? Porque nós temos uma trajetória de universidades *conservadoras e tradicionais* que trabalham sempre com um olhar voltado para o *eurocentrismo*. Tem sido uma das *grandes barreiras*, não só na UNILAB, como também na UNILA ou em qualquer outra instituição de ensino superior que queira trabalhar fora desse eixo *eurocêntrico*, que queira trabalhar para a divulgação de reconhecimento da diversidade cultural, vai enfrentar sempre *barreira*. Tanto

barreiras oficiais, como *barreira* até de compreensão mesmo da própria sociedade. Porque ao longo tempo que nós *temos sido influenciados* pelo *eurocentrismo*, pela cultura vinda de fora, sobretudo da Europa, isso *tem atravancado*, inclusive as nossas literaturas. Os clássicos que nós lemos *sempre* são clássicos *fora da nossa realidade* cultural. Não é à toa que, às vezes, para você ter reconhecimento cultural, você tenha que criar leis para isso. Então, *é difícil* não só para a UNILAB, mas *é difícil* para qualquer instituição que queira trabalhar nessa perspectiva nova, porque as nossas universidades, elas seguem a esse *rito* e a esse *mito* do *eurocentrismo*, que *é algo implantado* desde nossa formação (Docente_UNILAB_03).

O docente adjetiva as características da estrutura universitária vigente como “conservadoras e tradicionais” em função do “mito” e do “rito” do “eurocentrismo”, substantivos que o docente emprega para designar as tendências da academia no Brasil. Ele amplia a realidade para outros elementos contextuais, para além das universidades, por meio de adjetivo e locução adjetiva “fora da nossa realidade”, indicando o deslocamento dos interesses de segmentos do contexto que não dialogam com a cultura local. O substantivo “barreira” é empregado várias vezes para reforçar as dificuldades relatadas.

Ele serve-se ainda do adjetivo “difícil” para deixar claro o impacto que essa realidade contextual tem na prática de pesquisa e nas universidades. A efetivação de uma perspectiva cultural, para além do eurocentrismo, é, se não improvável, ao menos complicada. O que demanda trabalho excessivo daqueles que se dedicam à diversidade cultural e, mesmo assim, é passiva de não acontecer.

Além disso, o docente utiliza verbos na voz passiva, como “tem atravancado”, “influenciado” e “é algo implantado” (voz passiva/ particípio passado), para indicar relações de poder e hegemonia da visão eurocêntrica, enquanto agente apassivador. Mesmo assim, o docente realça as práticas desenvolvidas e seus eventos como formas de discursos contra-hegemônicos (Fairclough, 2001).

Sobre esse cenário, a Docente_UNILAB_04 defende que esses discursos ideológicos antecedem a Universidade. Ele se inicia nas escolas infantis, conforme ela destaca:

A gente tem uma história curricular no Brasil que é *muito embranquecida*. A gente não vê quem são os *heróis negros*, quem foram os escritores e *escritoras negras*. Isso tudo vai dando uma margem para que a população negra não se encontre, né? Ela não se vê representada, né? Você sabe, como que a menina negra na escola, como que ela se identifica com as princesas que são *todas loiras*, que são *todas brancas*. Não é possível que não tenham, em nenhum lugar do mundo, *princesas negras*, *princesas indígenas*. Mas por que que elas não entram como referência dentro da escola? No currículo? (Docente_UNILAB_04).

A Docente_UNILAB_04 também posiciona sua prática de extensão como discurso contra-ideológico que visa alterar esse cenário de dominação que apaga referências e interfere nas identidades de crianças. Ela articula construções textuais entre o discurso ideológico dominante, como “muito embranquecida”, “todas brancas”, “todas loiras”, e outras que remetem a um discurso contra-ideológico, tais como “heróis negros”, “princesas negras” e “princesas indígenas”. Ao final ela realça como suas práticas de pesquisa e extensão interferem no contexto: “Então o que eu faço hoje é isso: *reposicionar* o currículo [...]. Eu quero que outras meninas cheguem nesse lugar onde eu estou, colocar essas obras no devido lugar, que elas também precisam aparecer como fontes de aprendizado e fontes de conhecimento” (Docente_UNILAB_04).

Nesse mesmo sentido, as escolhas espaciais da docente para realização das práticas também advogam em favor do reposicionamento pretendido por ela. As ações ocorrem em escolas públicas de ensino fundamental e médio das cidades de Redenção e Acarape, e na ONG Fábrica de Imagens, situada em um bairro da periferia de Fortaleza que escapa aos eixos nobre e cultural da cidade.

Sobre a estrutura, a Docente_UNILAB_04 destaca a ausência de incentivos financeiros e estruturais para desenvolver a ação de extensão em escolas públicas em Fortaleza, como já ocorreu antes. A indisponibilidade do ônibus da universidade foi um fator crucial, pois ela precisou custear o deslocamento e alimentação de cinco alunos do projeto, já que eles não tinham condições financeiras. Esse cenário incorreu na limitação da ação somente em escolas da região próxima à UNILAB. Nesse sentido, ela levanta vários questionamentos reflexivos: “Como é que continuo um projeto desse sem dinheiro? Como que a gente não tem um Ministério da Educação atento pra esse tipo de projeto?” (DOCENTE_UNILAB_04). Neste sentido, observamos que o contexto é também um fator limitante da prática.

O Docente_UNILAB_05, por sua vez, situou a dificuldade de desenvolver sua prática de trabalho de pesquisa nos dois extremos: no contexto e nos eventos. Sobre o contexto, ele narra:

É um projeto com uma concepção interdisciplinar por conta do *racismo religioso*, das *violências* contra as religiões de matriz africana. Tem despertado pessoalmente o meu interesse [...] e, conhecendo a dinâmica desse terreiro específico na cidade de Baturité, a gente pôde verificar como se dão as relações comunitárias dos frequentadores, dos filhos da casa e dos sacerdotes também [...]. Esse terreiro é um terreiro do qual muitos estudantes, muitas estudantes aqui da UNILAB participam. É o terreiro de Pai Ricardo. [...]. É um terreiro bastante conhecido dada aí a seriedade e também a amizade e o acolhimento que o Pai Ricardo pratica com todo mundo que tá lá [...]. Houve uma *incompreensão*, uma *resistência* de início por parte do próprio Pai Ricardo, que é o sacerdote da casa, o maior. Exatamente *para que não se confundisse* a

umbanda e, muito menos o terreiro dele, “como coisa de veado” ou “como esculhambação” ou “putaria” ou o que o valha. Houve uma certa *incompreensão* inicialmente sobre o que seria o propósito da pesquisa. Se seria pra apenas, digamos assim, fazer da casa “isso aqui é um lugar de fresco”. Então, tivemos que percorrer um certo caminho, *tivemos várias entrevistas, fizemos várias visitas, várias idas a campo* pra tentar explicar para o Pai Ricardo que não se tratava de denunciar ali a homossexualidade de ninguém. De modo que [...] o título da pesquisa está desatualizado. A gente não está pesquisando mais especificamente a homossexualidade [...]. Na verdade, a gente pesquisa hoje as corporeidades masculinas e os rituais de Dona Pomba Gira (Docente_UNILAB_05).

O Docente_UNILAB_05 descreve a conjuntura local e explica a dificuldade que teve em relação ao *lôcus* da pesquisa, utilizando vários substantivos e adjetivos para descrever o comportamento e, conseqüentemente, qualificar os sujeitos e o enfrentamento ocorrido no próprio *lôcus* de pesquisa. A partir daí, o Docente_UNILAB_05 passa a ressaltar a prática da pesquisa repetindo o termo “várias” (pronomes indefinidos), na tentativa de demonstrar que a resistência do campo tornou o trabalho de construção da pesquisa mais árduo, mais lento e mais trabalhoso. Essa intensidade atribuída às ações da prática de pesquisa é resultante da realidade de não aceitação por parte do líder religioso.

Sobre o posicionamento do terreiro, *lôcus* da pesquisa, na conjuntura local, o docente descreve, por meio de adjetivos que remetem à ideia de desonra ou de indignidade, como uma comunidade local, mas “[...] bem *marginalizada*. A comunidade lá é bem *pobre*, é uma *periferia* e, enfim, como todo local *pobre* e *periférico*, tem os seus problemas sociais e, enfim, são pessoas que, digamos assim, não pousam no que seria a nata da sociedade” (Docente_UNILAB_05).

A não aceitação desse tipo de pesquisa aparece no outro extremo da prática: nos eventos. Segundo sua narrativa, o docente enfrenta também a incompreensão da comunidade acadêmica dentro e fora da UNILAB, o que, por sua vez, tem interferido nos resultados da pesquisa.

Falar de umbanda, de Exus e Pomba Giras, *isso já causa uma certa espécie*, né? Então, por se tratar de uma pesquisa que fala das festas de dona pomba gira, que fala sobre corporeidades masculinas, que fala sobre homossexualidade, então *isso já causa uma reticência* das pessoas. A gente percebe, sempre quando a gente apresenta, quando a gente oportunidade de comunicar os resultados das pesquisas, *uma certa reticência*, a maioria *prefere silenciar*, faz uma *cara de aparente compreensão*, mas a gente percebe ali uma *negação* e uma certa tendência, se não um *condenamento*, pelo menos um *estranhamento*. Então, diante do que é estranho, a maioria das *peçoas preferem silenciar*. De modo que, nas oportunidades que a gente teve de tornar público os resultados da pesquisa, a gente só teve realmente a participação, a interação, o diálogo com outros professores que também pesquisam religiões de matriz africana, que também pesquisam relações

de gênero. De modo que, a parte do objeto da pesquisa que dizia respeito a interdisciplinaridade, a gente tem que confessar para você que ficou, está até então, aquém do que a gente esperava [...]. Existe então *uma reticência, um silêncio, um estranhamento. É algo velado*. Entende? “Não, isso é coisa de bicha macumbeira”; “É melhor, a gente, enfim, a gente aplaude [...], a gente não quer diálogo, a gente não quer muito compor né?”. A gente percebe isso. Quando a gente vai apresentar o trabalho em mesas, as perguntas partem de pessoas que são da religião. Sempre. Ou seja, o que se propõe academicamente ao diálogo tem uma *limitação muito evidente*. A gente percebe a *reticência* (Docente_UNILAB_05).

O docente ressalta várias vezes que a pesquisa tem poder de provocação. Ele emprega o verbo “causar” na voz ativa – “causa” (presente do indicativo) – para ressaltar a capacidade da pesquisa de dar origem ou despertar sentimentos e comportamentos, na maioria das vezes, negativos ou de indiferença. Por outro lado, é importante ressaltar que o próprio docente assume que parte desta constatação é fruto da sua percepção acerca das posturas assumidas pela plateia, por ocasião de eventos acadêmicos. Ele lê o silêncio da maioria dos expectadores como uma fuga ao debate sobre um tema que incomoda ou que não desperta atenção. Silêncio esse que é quebrado por aqueles que já mantêm alguma familiaridade com a umbanda ou com questões de gênero por meio de pesquisas ou por praticantes de religiões de matrizes africanas.

Sobre as reações da comunidade acadêmica, o docente acredita que residem em concepções, valores e predisposições que antecedem a vida acadêmica. Fazem parte de uma construção social anterior arraigada na cultura popular que estigmatiza determinadas crenças. E a academia não está isenta, pois replica essa construção no ambiente universitário, conforme ele justifica:

[...] pela temática, pela apresentação dos meninos, porque eles vão na condição de umbandistas, com as suas roupas [...], então as pessoas têm a ideia da umbanda também, a apresentação da umbanda, conforme *as predisposições, os racismos religiosos, como algo demoníaco, como algo que é para fazer o mal*. Então a gente percebe isso, mesmo na UNILAB, que seria o lugar, digamos assim, o lugar em que a gente estaria chancelado para falar sobre essa matriz africana afro-brasileira e sobre essas religiosidades. Mesmo aqui, a gente percebe essas, digamos assim, resistências (Docente_UNILAB_05).

Na percepção do docente a umbanda é uma representação não definida claramente no imaginário da comunidade acadêmica. Ele representa essa visão por meio do pronome indefinido “algo”, como coisa que não se sabe ao certo o que é, porém é reprovável. Esse aparente incômodo ou desinteresse gerado pela pesquisa do Docente_UNILAB_05 pode ter fundamento em visões de inferioridade sobre questões raciais (Carvalho, 2007). Convém não esquecermos o estigma colocado pela Igreja Católica sobre a prática religiosa de

matriz africana que, ao cabo, os “obrigou” ao sincretismo religioso.

As práticas de pesquisa e de extensão desenvolvidas pelos docentes entrevistados revelam muito nitidamente a função social do trabalho docente destacada por Piletti (2008), pois os mantêm em constante diálogo com o meio social para transformarem contextos e produzirem novas realidades (Barros, Brito & Clemente, 2018). É nesse aspecto que percebemos a prática docente como prática social inclusiva.

Em vários momentos dos textos dos docentes, identificamos uma postura dual de aflição e motivação. Aflição quando se reportam à realidade difícil do contexto, e motivação quando acreditam que seu trabalho pode ajudar a transformar esse cenário (Barros, Brito & Clemente, 2018). Seus discursos são investidos de ideologias (Fairclough, 2016), que refletem suas preferências sociais.

Essas práticas estão alinhadas ao projeto UNILAB, porém não se restringem a ele, pois avançam para além das políticas internas quando conjugam as questões étnico-raciais no contexto local. Elas trazem tais questões para o debate cotidiano na região do Maciço de Baturité, provocam reações e sentimentos latentes acerca das origens e da história local. Nessa configuração, o protagonismo dos alunos estrangeiros se dilui com o da comunidade local, na perspectiva de compreenderem e de modificarem o entorno onde estão inseridos, ao mesmo tempo que se modificam individualmente.

Seus discursos reflexivos revelaram adicionalmente preocupação com a Universidade e com a educação superior de forma mais ampla. Ao mesmo tempo, revelam que eles encaram o contexto como arena na qual precisam lutar e sobreviver. Em nenhum momento das entrevistas, os docentes demonstraram apatia ou desânimo decorrente do contexto. Pelo contrário, há um viés de resistência, constantemente reforçado em diferentes momentos das falas individuais. Todos esses discursos latentes se mostram vitais no processo de significação social do trabalho desses docentes e nas posturas inclusivas no interior de suas práticas.

Mesmo com dificuldades, oriundas inclusive da estrutura, os docentes reforçam que a UNILAB é o espaço adequado para as práticas de pesquisa e extensão que ora desenvolvem e que, talvez, em outras universidades não teriam a mesma liberdade ou, ao menos, não fossem vistos com o mesmo olhar.

As práticas de pesquisa e de extensão desenvolvidas pelos docentes entrevistados representam a Universidade na vida da comunidade, pois dialogam de perto com ela. As práticas são construídas por sujeitos que, antes de estarem na comunidade acadêmica da UNILAB, são da comunidade, muitas vezes, invisibilizada.

Esse contexto no qual as práticas docentes são desenvolvidas está impregnado de ideologias hegemônicas, enquanto estratégia de manutenção de poder, que naturaliza a dominação, a exclusão e o apagamento de determinados sujeitos. As práticas dos docentes representam discursos contra-ideológicos que fomentam a inclusão, a visibilidade, o empoderamento e o protagonismo de pessoas mantidas à margem pelo sistema social. As práticas reposicionam tais sujeitos para que saiam do silêncio imposto pelo contexto.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa buscamos compreender como as práticas do trabalho docente podem se constituir como práticas sociais inclusivas. Para consecução deste objetivo, identificamos os momentos de práticas de pesquisa e de extensão de cinco docentes da UNILAB e evidenciamos como tais práticas funcionam como intercessão entre contexto e eventos, promovendo, assim, ruptura de estruturas vigentes que são excludentes e discriminatórias.

As práticas de trabalho dos docentes universitários, para além do ensino, concretizam-se por meio da pesquisa e da extensão como estratégias de formação de cidadãos conscientes da realidade social que os circunda. Ao observarem os contextos locais que envolvem a comunidade acadêmica da UNILAB, os entrevistados viram meios de intervir em tal realidade com pretensão de alterar hegemonias em vigência. Embora declarem dificuldades e resistência, não só da sociedade, mas da própria academia, os docentes demonstraram entusiasmo com as práticas que desenvolvem e acreditam que podem produzir micromudanças por meio delas. Estes são achados significativos que nos levam a compreender como as práticas de trabalho se constituem como práticas sociais inclusivas.

As práticas de extensão e de pesquisa desenvolvidas pelos entrevistados estão alinhadas à essência da UNILAB, tanto quando nos referimos à prevalência da categoria étnico-racial, como à interiorização. Os docentes buscam alterar contextos locais e provocar mudanças sociais e individuais. Suas práticas de pesquisa e extensão voltadas às minorias sociais desmistificam estigmas e concedem protagonismos a sujeitos ignorados pela sociedade. Dessa forma, as práticas docentes agem no contexto por meio dos seus eventos, caracterizando-se como práticas sociais inclusivas, o que responde à questão de pesquisa suscitada no início deste trabalho.

Esta pesquisa contribui para evidenciar que o trabalho docente pode ser não só uma importante ferramenta na quebra de paradigmas vigentes, mas também um instrumento de prática de diversidade em universidades públicas. Tais práticas podem estar alinhadas institucionalmente à universidade, mas podem

ir além, tornando-se cotidianas, ultrapassando os limites institucionais e se debruçando sobre realidades urgentes, de modo a fomentar a inclusão atitudinal.

Como limitação destacamos o fato de a pesquisa estar fundamentada unicamente nas falas dos coordenadores das práticas, deixando à parte outros atores importantes, como os discentes, por exemplo. Dessa forma, as entrevistas com discentes representam uma possibilidade de agenda de pesquisa, assim como sua replicação em outras instituições públicas e privadas de ensino superior. Ademais, estimulamos que o tema, não esgotado aqui, seja ampliado por meio da reflexão acerca da importância da atuação docente como agente de inclusão pedagógica de minorias sociais, da mudança discursiva acerca das diferenças e das micromudanças atitudinais.

REFERÊNCIAS

- Barros, J. D. (2005). Igualdade, desigualdade e diferença: em torno de três noções. *Análise Social*, 40(175), 345-366. <https://doi.org/10.31447/202243>
- Barros, M. E., Brito, J. M., & Clemente, O. P. (2018). Narrativas da docência: dimensão sensível do trabalho de professores e pesquisadores. *Fractal: Revista de Psicologia*, 30(1), 30-38. <https://doi.org/10.22409/1984-0292/v30i1/1479>
- Benevides, M. H. C., & Pinheiro, C. H. L. (2018). Narrativas e trajetórias: abordagens metodológicas a partir da UNILAB. *Caderno CRH*, 31(82), 169-186. <https://doi.org/10.1590/S0103-49792018000100011>
- Campana, C., & Abdal, A. (2023). Acolhimento, diversidade e implementação das diretrizes curriculares nacionais no Campo de Públicas. *Cadernos Gestão Pública e Cidadania*, 28(89), 1-20. <https://doi.org/10.12660/cgpc.v28.86817>
- Certeau, M. (2014). *A invenção do cotidiano* (22 ed.). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Chouliaraki, L., & Fairclough, N. (1999). *Discourse in late modernity*. Edinburgh: Universtiy Press.
- Chouliaraki, L., & Fairclough, N. (2010). Critical Discourse Analysis in Organizational Studies: Towards an Integrationist Methodology. *Journal of Management Studies*, 47(6), 1213-1218.
- Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. (1998). Brasília.
- Fairclough, N. (2001). *Discurso e mudança social*. Brasília: Editora Universidade de Brasília.
- Fairclough, N. (2016). *Discurso e mudança social*. Brasília: Editora Universidade de Brasília.
- Faria, P. M. F., & Camargo, D. (2018). As emoções do Professor frente ao processo de inclusão escolar: uma revisão sistemática. *Rev. Bras. Ed. Esp.*, 24(2), 217-228. <https://doi.org/10.1590/S1413-65382418000200005>
- Gil, A. C. (2009). *Didática do ensino superior*. São Paulo: Atlas.
- Kunsch, M. M. K. (1992). *Universidade e comunicação na edificação da sociedade*. São Paulo, SP: Edições Loyola.
- Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012. (2012, 29 agosto). Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível

- médio e dá outras providências. Presidência da República.
- Magalhães, I., Martins, A. R., & Resende, V. M. (2017). *Análise de discurso crítica: um método de pesquisa*. Brasília: UnB.
- Marques, B. S., & Nogueira, V. T. F. (2019). Quais são as percepções dos licenciandos da UNILAB sobre como sua formação e a disciplina de libras os capacitam para a futura atuação no ensino de surdos? *Revista Três Pontos*, 16(1), 41-50.
- Melo, I. F. Histórico da análise de discurso crítica. In J. R. L. Batista Júnior, D. T. B. Sato & I. F. Melo (Eds.), *Análise de discurso crítica para linguistas e não linguistas* (pp. 20-35). São Paulo: Parábola.
- Piletti, C. (2008). *Didática geral*. São Paulo: Ática.
- Poggio, B. (2022). Trabalhando pela igualdade de gênero na academia neoliberal: entre a teoria e a prática. *Revista de Administração Contemporânea*, 26(Supplementary Issue), 1-12. <https://doi.org/10.1590/1982-7849rac2022220014.en>
- Rafael, S. L. L. (2023). *SPELL: 10 anos contribuindo com a ciência!* Site da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Administração [ANPAD]. <https://anpad.org.br/newsletter-news/edicao-de-janeiro-marco-de-2023-volume-3-numero-1/news/spell-10-anos-contribuindo-com-a-ciencia/>
- Resende, V. M., & Ramalho, V. (2019). *Análise de discurso crítica* (2 ed.). São Paulo: Contexto.
- Rohden, L. (2023). Inclusion and diversity in companies: Premises to maximize quality of life and profitability. *Brazilian Administration Review*, 20(2), 1-8.
- Santos, A. C., Oliveira, F. B., Marchisotti, G. G., & Celano, A. (2023). Racismo estrutural e cotas nas carreiras jurídicas: a perspectiva decolonial. *Cadernos EBAPE.BR*, 21(3). <https://doi.org/10.1590/1679-395120220056>
- Santos, B. S. (1999). *A construção multicultural da igualdade e da diferença*. Coimbra: CES.
- Scott, J. W. (2005). O enigma da igualdade. *Estudos Feministas*, 1(13), 19-56. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2005000100002>
- Tatli, A. (2011). A Multi-layered Exploration of the Diversity Management Field: Diversity Discourses, Practices and Practitioners in the UK. *British Journal of Management*, 22, 238–253. <https://doi.org/10.1111/j.1467-8551.2010.00730.x>
- Trittin, H., & Schoeneborn, D. (2017). Diversity as Polyphony: Reconceptualizing Diversity Management from a Communication-Centered Perspective. *Journal of Business Ethics*, 144, 305-322. <https://doi.org/10.1007/s10551-015-2825-8>
- Vergara, S. C., & Davel, E. (2005). Desafios relacionais nas práticas de gestão e de organização. *RAE*, 45(1), 10- 13.
- Vieira, P. A. S. (2015). Um ensaio teórico sobre igualdade e diferença no ensino superior: contribuições ao debate sobre as políticas de ação afirmativa no Brasil (2002-2012). *Anais eletrônicos da 37ª Reunião Nacional da ANPED*, Florianópolis, SC, Brasil, 37.
- Vieira, V., & Resende, V. M. (2016). *Análise de discurso (para a) crítica: o texto como material de pesquisa* (2 ed.). Campinas: Pontes.
- Zanoni, P., Janssens, M., Benschop, Y., & Nkomo, S. (2010). Unpacking diversity, grasping inequality: rethinking difference through critical perspectives. *Organization Studies*, 17(1), 9–29. <https://doi.org/10.1177/1350508409350344>

CONTEXTUS

REVISTA CONTEMPORÂNEA DE ECONOMIA E GESTÃO.

ISSN 1678-2089

ISSNe 2178-9258

1. Economia, Administração e Contabilidade – Periódico
2. Universidade Federal do Ceará. FEAAC – Faculdade de Economia, Administração, Atuária e Contabilidade

**FACULDADE DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO,
ATUÁRIA E CONTABILIDADE (FEAAC)**

Av. da Universidade – 2486, Benfica

CEP 60020-180, Fortaleza-CE

DIRETORIA: Carlos Adriano Santos Gomes Gordiano
José Carlos Lázaro da Silva Filho

Website: www.periodicos.ufc.br/contextus

E-mail: revistacontextus@ufc.br



A Contextus assina a Declaração de São Francisco sobre a Avaliação de Pesquisas (DORA).



A Contextus é associada à Associação Brasileira de Editores Científicos (ABEC).



Esta obra está licenciada com uma licença Creative Commons Atribuição – Não Comercial 4.0 Internacional.

EDITOR-CHEFE

Diego de Queiroz Machado (UFC)

EDITORES ADJUNTOS

Alane Siqueira Rocha (UFC)

Márcia Zabdiele Moreira (UFC)

SUORTE ADMINISTRATIVO E DE EDITORAÇÃO

Heloisa de Paula Pessoa Rocha (UFC)

EDITORES ASSOCIADOS

Adriana Rodrigues Silva (IPSantarém, Portugal)

Alessandra de Sá Mello da Costa (PUC-Rio)

Allysson Alex Araújo (UFCA)

Andrew Beheregarai Finger (UFAL)

Armando dos Santos de Sousa Teodósio (PUC-MG)

Brunno Fernandes da Silva Gaião (UEPB)

Carlos Enrique Carrasco Gutierrez (UCB)

Cláudio Bezerra Leopoldino (UFC)

Dalton Chaves Vilela Júnior (UFAM)

Elionor Farah Jreige Weffort (FECAP)

Ellen Campos Sousa (Gardner-Webb, EUA)

Gabriel Moreira Campos (UFES)

Guilherme Jonas Costa da Silva (UFU)

Henrique César Muzzio de Paiva Barroso (UFPE)

Jorge de Souza Bispo (UFBA)

Keysa Manuela Cunha de Mascena (UNIFOR)

Manuel Anibal Silva Portugal Vasconcelos Ferreira (UNINOVE)

Marcos Cohen (PUC-Rio)

Marcos Ferreira Santos (La Sabana, Colômbia)

Mariluce Paes-de-Souza (UNIR)

Minelle Enéas da Silva (Universidade de Manitoba, Canadá)

Pedro Jácome de Moura Jr. (UFPB)

Rafael Fernandes de Mesquita (IFPI)

Rosimeire Pimentel (UFES)

Sonia Maria da Silva Gomes (UFBA)

Susana Jorge (UC, Portugal)

Thiago Henrique Moreira Goes (UFPR)

CONSELHO EDITORIAL

Ana Sílvia Rocha Ipiranga (UECE)

Conceição de Maria Pinheiro Barros (UFC)

Danielle Augusto Peres (UFC)

Diego de Queiroz Machado (UFC)

Editinete André da Rocha Garcia (UFC)

Emerson Luís Lemos Marinho (UFC)

Eveline Barbosa Silva Carvalho (UFC)

Fátima Regina Ney Matos (ISMT)

Mario Henrique Ogasavara (ESPM)

Paulo Rogério Faustino Matos (UFC)

Rodrigo Bandeira-de-Mello (FGV-EAESP)

Vasco Almeida (ISMT)

CORPO EDITORIAL CIENTÍFICO

Alexandre Reis Graeml (UTFPR)

Augusto Cezar de Aquino Cabral (UFC)

Denise Del Pra Netto Machado (FURB)

Ednilson Bernardes (Georgia Southern University)

Ely Laureano Paiva (FGV-EAESP)

Eugenio Ávila Pedrozo (UFRGS)

Francisco José da Costa (UFPB)

Isak Kruglianskas (FEA-USP)

José Antônio Puppim de Oliveira (UCL)

José Carlos Barbieri (FGV-EAESP)

José Carlos Lázaro da Silva Filho (UFC)

José Célio de Andrade (UFBA)

Luciana Marques Vieira (UNISINOS)

Luciano Barin-Cruz (HEC Montréal)

Luis Carlos Di Serio (FGV-EAESP)

Marcelle Colares Oliveira (UFC)

Maria Ceci Araujo Misoczky (UFRGS)

Mônica Cavalcanti Sá Abreu (UFC)

Mozar José de Brito (UFL)

Renata Giovinzazo Spers (FEA-USP)

Sandra Maria dos Santos (UFC)

Walter Bataglia (MACKENZIE)